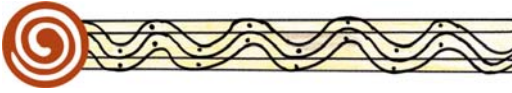


# MUSEU AO VIVO

INFORMATIVO DO MUSEU DO ÍNDIO / FUNAI • ANO 18 • NÚMERO 29 • NOVEMBRO DE 2006 A ABRIL DE 2007

## DESTAQUE

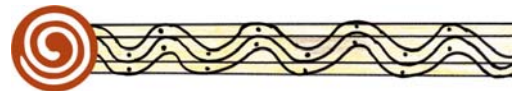


### Em cartaz no Museu do Índio: Exposição sobre os Povos Indígenas do Oiapoque

*Página 2*



## PESQUISA



**Antropóloga  
Lux Vidal**

*Página 4*

ISSN 1678-1309



9 771678 130122



## EDITORIAL



A 29ª edição do Museu ao Vivo dá as boas vindas ao novo ano e convida seus leitores a conhecer as culturas dos povos indígenas do Oiapoque: os Karipuna, Palikur, Galibi-Maworno e Galibi-Kali'na. A diversidade e a riqueza de suas expressões culturais e de sua cosmologia serão retratadas na próxima mostra "A presença do invisível na vida cotidiana e ritual dos Povos Indígenas do Oiapoque" que inaugura no Museu em maio deste ano. A exposição é mais uma contribuição da instituição para o reconhecimento e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial dos grupos indígenas. A curadora Lux Vidal, em seu artigo na página 4, detalha a exposição e ressalta o desejo dos próprios índios de renovar e fortalecer o seu patrimônio cultural tradicional. Esperamos vocês para uma visita neste contexto de vivência indígena. Até lá.

Assessoria de Comunicação Social

## MUSEU AO VIVO

Ano 18 | Nº 29 | Novembro de 2006 a Abril de 2007

Informativo do Museu do Índio/FUNAI  
Editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio

Presidente da República

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Ministro da Justiça

**Tarso Genro**

Presidente da FUNAI

**Márcio Augusto Freitas de Meira**

Diretor do Museu do Índio

**José Carlos Levinho**

Assessoria de Comunicação Social

Redação / Revisão

**Cristina de Jesus Botelho Brandão**

(Reg. Prof. RJ 15633 JP)

**Marta Gontijo Chalu Barbosa**

**Rosângela de Oliveira Abrahão**

(Reg. Prof. RJ 16125 JP)

**Carolina Leal** (estagiária)

Fotos: **Lux Vidal, Ugo Maia, Miguel Chaves, Paulo Capolla, Francisco Simões Paes**

Padrão gráfico: **Mak Lexel Totxi**

Editoração: **MURO Produções Gráficas**

5 mil exemplares

Rua das Palmeiras | 55 | Botafogo

CEP 22270-070 | Rio de Janeiro, RJ

Telefone 21 2286-8899

comunicacao@museudoindio.gov.br

www.museudoindio.gov.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



## DESTAQUE



### Museu do Índio valoriza com inovações cênicas patrimônios culturais dos índios do Norte do Amapá



A próxima exposição, de longa duração, do Museu do Índio apresenta os patrimônios culturais dos índios do Norte do Amapá, habitantes da bacia do rio Uaçá e do baixo curso do Rio Oiapoque. A mostra inaugura, no dia 25 de maio, no casarão central, sob a curadoria da antropóloga Lux Vidal, exibindo, em 12 ambientes, um acervo de 200 bens culturais como chapéus, cuias, colheres, escudos, bordunas, armas, cerâmicas, bancos-esculturas, cestarias e outros artefatos que possibilitarão a ampliação do conhecimento dos modos de vida desses povos.

Recorrendo a tecnologias de reprodução de efeitos da natureza como chuva, vento, cheiros, fumaça e estrelas de luz representando a noite e o dia, a exposição pretende aliar tradição e modernidade em uma caracterização teatral dos ambientes. Como num filme ou numa peça, o pú-

blico é convidado a interagir dinamicamente nas passagens arquitetônicas e ritualísticas propostas em todo o percurso da exposição.

A exposição é uma iniciativa do Museu do Índio/FUNAI que objetiva a valorização cultural dos grupos indígenas do Norte do Pará, oferecendo ao público a oportunidade de co-

nhecer a sua rica cosmologia. A mostra, realizada em parceria com a Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque – Apio e com o Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena – Iepé, conta com o patrocínio do BNDES.



#### Saiba mais

O Amapá foi o estado pioneiro no reconhecimento dos direitos indígenas, portanto, todas as terras indígenas da região foram demarcadas e homologadas. Os índios do Oiapoque habitam as terras Uaçá, Juminã e Galibi do Oiapoque, onde existem cerca de 40 aldeias.

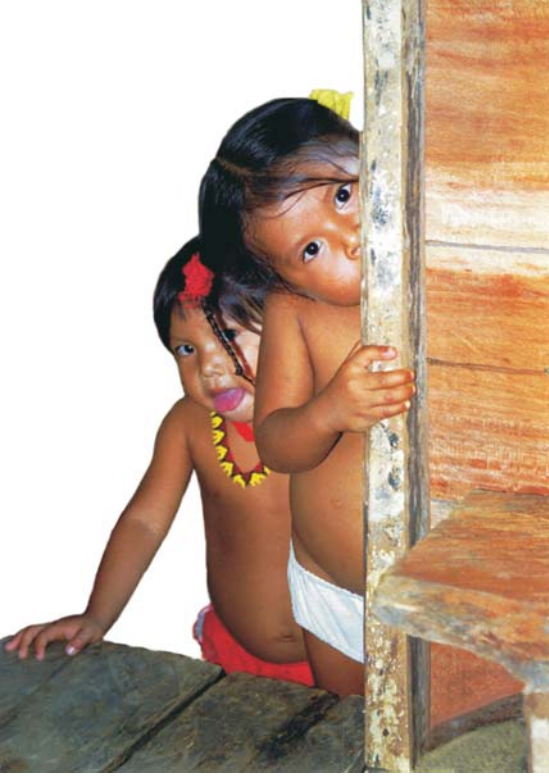
Historicamente, essa região é de intenso contato entre as distintas populações. Essas relações de troca e contato, que proporcionaram ganhos culturais e até a fusão de certos grupos, não deixaram de existir e estenderam-se para o outro lado da fronteira, em direção à Guiana Francesa e ao Suriname. Os Palikur, por exemplo, também habitam a região da Guiana.

O quadro lingüístico da região é formado, basicamente, por duas grandes famílias lingüísticas: Aruaque e Caribe, mas também são encontrados falantes de línguas crioulas (ou patuá). O intenso contato entre os povos no local diversificou esse quadro. Atualmente, para se comunicar com os não-índios, existem povos que utilizam até mesmo o português e o francês.

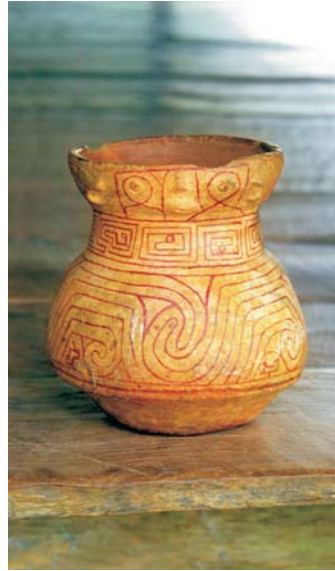
Por terem como característica a mobilidade, as sociedades indígenas do Oiapoque possuem ciclo produtivo mais diversificado. Dessa forma, a base de subsistência não é formada apenas pelo cultivo de roças e atividades de caça, mas também pela pesca, coleta, troca de produtos entre as tribos e até mesmo comércio com as demais regiões não-indígenas.



# ESPIANDO A EXPOSIÇÃO



Sala da cerâmica



Sala dos chapéus



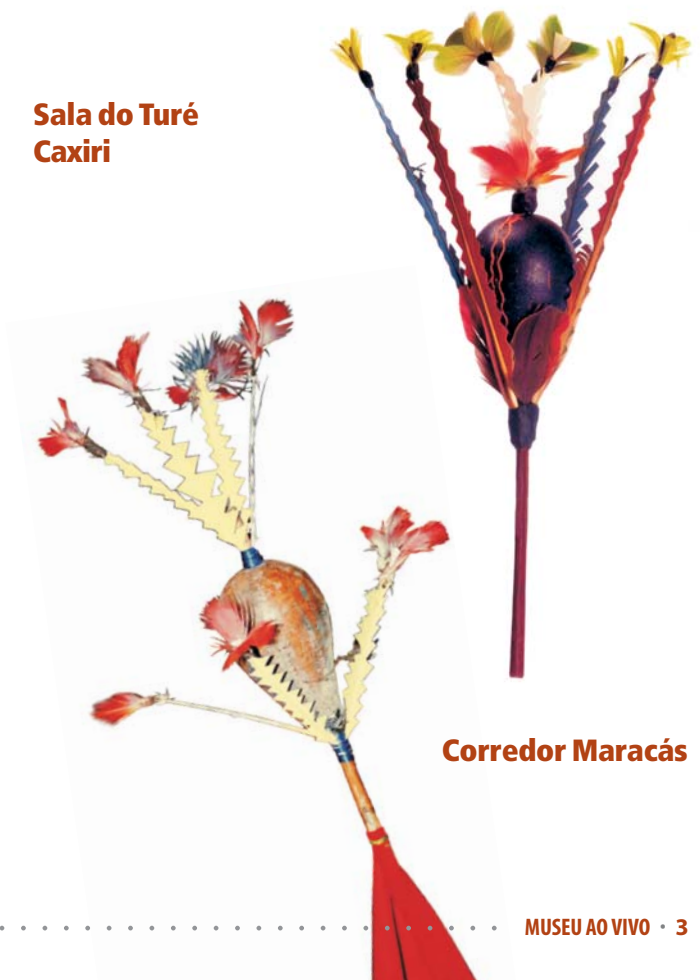
Joalheria



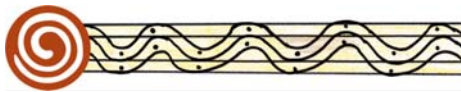
Sala do Turé Caxiri



Objetos e marcas



Corredor Maracás



DESENHOS: ISMAEL EMÍLIO

## A presença do invisível na vida cotidiana e ritual dos Povos Indígenas do Oiapoque

Os Povos Indígenas do extremo norte do Amapá, habitantes da bacia do rio Uaçá e do baixo curso do rio Oiapoque – Kari-puna, Palikur, Galibi-Marworno e Galibi-Kali’na – são o resultado de várias migrações e fusões antigas e mais recentes. São portadores de tradições culturais heterogêneas, histórias de contato e trajetórias diferenciadas, assim como suas línguas e religiões. Mesmo assim estes povos têm conseguido conviver e construir, ao longo do tempo, ricos espaço de interlocução. Os quatro povos somam uma população de cinco mil índios distribuídos em inúmeras aldeias e localidades, nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã. Estas terras indígenas, demarcadas e homologadas, configuram uma grande área contínua, cortada a oeste pela BR-156, que liga Macapá a Oiapoque.

Segundo os mitos indígenas, toda esta paisagem é habitada por seres humanos, animais e vegetais e seres do “outro mundo” em contínuo processo de negociação e metamorfose, especialmente pela intermediação dos pajés que entram em con-

tato com os *karuãna* dos bichos e, encantados, praticam as curas e realizam o ritual indígena do Turé. Um mundo predominantemente aquático, cuja cosmologia privilegia os seres sobrenaturais que habitam o fundo das águas.

Nesta exposição, a ser inaugurada em maio no Museu do Índio, serão ressaltados os aspectos de origem indígena, pelo desejo dos próprios índios e pela consciência que hoje possuem do valor de um patrimônio cultural tradicional, específico, apesar de heterogêneo e que poderia, se não renovado e fortalecido, vir a desaparecer.

O conceito geral da exposição é apresentar, em duas salas, a cada extremo do espaço museográfico, duas importantes instalações, centros de atividades fundamentais para estes povos. De um lado, o espaço do *laku* (o pátio), onde é realizado o ritual do Turé, e de outro, a casa, onde se realizam, além das atividades domésticas, a prática de curas tradicionais. Os dois espaços estão relacionados ao mundo invisível pela presença do xamã ou pajé e da atividade xamânica ou pajelança. No *laku*, o espaço mais valorizado museograficamente, por ser público, é realizado o ritual do Turé em homenagem e agradecimento aos *karuãna*, espíritos amigos e auxiliares do xamã, pelas curas concedidas ao longo do ano aos seus seguidores e clientes.

Uma importante coleção de peças dos Povos Indígenas do Oiapoque foi adquirida pelo Museu do Índio, primeira coleção completa e representativa destes povos. A

aquisição das peças é um estímulo à produção artística e possibilita dar visibilidade, em um ambiente museográfico, à parte da produção resultante das oficinas dos projetos de fortalecimento cultural. A realização desta exposição será, para os índios do Oiapoque, uma oportunidade de divulgar seu modo de vida e terá um caráter de experiência e aprendizado, tanto para o gerenciamento do Museu dos Povos Indígenas, em Oiapoque, como para a formação de pesquisadores indígenas interessados em gerir seu próprio patrimônio cultural e ambiental.

Na sua inauguração, a exposição contará com a participação de representantes indígenas, que terão a oportunidade de apresentar o ritual do Turé e acompanhar o processo de organização de um grande evento, que terá por intuito mostrar a relação muito estreita entre os conhecimentos do ecossistema, a cosmologia e a mitologia indígenas e as produções artísticas e estéticas. Tudo o que expressa esta contínua “artisticidade” na cerâmica, nos grafismos sonhados pelo xamã, nas marcas das cuias, na plumária e ornamentação ritual, nos instrumentos musicais, nos grandes bancos e mastros esculpidos e na cestaria, objetos todos utilizados nos rituais, objetos visíveis, tangíveis de uma realidade que também existe em uma outra dimensão, no invisível.

**Lux Vidal**

Antropóloga, curadora da exposição, USP/Iepé

### O QUE VEM POR AÍ

- “Museu do Índio e Patrimônio Cultural Indígena” é o tema escolhido para a atividade que a instituição vai apresentar, em maio, durante a Semana de Museus 2007, promovida pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan.
- Exposições do MI já estão viajando pelo País. A programação começou, em março, com a chegada à UFRGS da mostra “A’uwê Xavante: Múltiplos Olhares”. Em junho, “Tempo e Espaço na Amazônia: os Wajãpi” será levada à Macapá, enquanto, no segundo semestre, duas mostras recém-criadas sobre o Centenário da Terceira Expedição da Comissão Rondon chegam ao Distrito Federal. Elas serão apresentadas, a partir de outubro, no Palácio do Planalto e no Superior Tribunal de Justiça.